

O que você procura, você encontra aqui.

**OLIBERAL**

Para anunciar ligue: 3916.1163/3916.1130

Cordel do Fogo Encantado lança novo CD. Página 4.

MAGAZINE

literatura

# Ali Kamel lança livro sobre a política de cotas

## 'BRASILIFICAÇÃO'

Contra a discriminação racial, o jornalista fez ampla pesquisa antes de escrever

O jornalista Ali Kamel, editor-executivo da Central Globo de Jornalismo, é tachado por seus colegas como chefe durão. Apesar de sua genealogia árabe, ele nasceu no Rio de Janeiro. Lá foi batizado por sua avó, de origem baiana - esta é sua única raiz brasileira. Agora, Ali Kamel lança o livro "Não somos racistas", sobre a política de cotas do Governo Lula e fruto de um estudo vasto sobre o assunto, usando dados do IBGE, inclusive. Na última semana, o jornalista falou ao Magazine.

■ Quando começou esse trabalho e a idéia de se levantar a discussão sobre política de ações afirmativas, sob uma outra visão?

□ Em 2003, quando o debate sobre cotas esquentou, decidi mergulhar no assunto e me assustei com o que vi à volta. Minha maior surpresa foi constatar que era uma construção teórica o conceito de "negro", que nada tinha a ver com o senso comum. Negro não era a pessoa que ao IBGE se declarava "preto", mas também todos aqueles que se declaravam pardos, os mais próximos dos brancos e os mais próximos dos negros. Só assim os negros somam 48% da nossa população, o que nos faria a maior nação negra do mundo depois da Nigéria. Quando soube que era assim, achei que todos deviam estar conscientes disso. Porque os defensores das cotas raciais engordam as estatísticas dos negros com os pardos, mas os pardos vêm deixando de se beneficiar delas, porque universidades vêm impondo a apresentação de fotos, para, no linguajar delas, verificar quem tem nariz achatado,

pele escura, cabelo pixaim e lábios grossos. Os pardos que não correspondem a esse fenótipo ficam de fora. Eu sou um anti-racista visceral. Raças não existem. Fico estarelecido que no momento em que a genética prova essa realidade, nós, brasileiros, que sempre enaltecemos a miscigenação, nunca ligamos para raça, decidamos agora dividir as pessoas em negros e brancos. Isso é um retrocesso. Não podemos aceitar isso. Somos todos iguais. Toda política deve ter como foco os pobres em geral e não uma determinada cor. Por que cindir racialmente a pobreza?

■ O título do livro "Não somos racistas" é justamente para evitar comentários "preconceituosos" sobre as idéias que estão nos ensaios?

□ Não, o título do livro ressalta a minha crença. Não somos uma nação estruturalmente racista. Aqui, nada impede ninguém de cor alguma de progredir na vida. As leis punem os racistas. As escolas, os empregos públicos, tudo está aberto a pessoas de todas as cores. 42% da população se declaram pardos, e pardo é aquele cuja história, em algum ponto, esbarrou no casamento entre brancos e negros. Esse alto grau de miscigenação é uma prova *per se* de que não somos racistas. Nos EUA, na Europa, a miscigenação é mínima. No livro, porém, não nego que haja racistas, talvez até em profusão, no Brasil, porque em todas as sociedades há tudo, todos os sentimentos, os mais abjetos. Mas o racismo não é um traço dominante da nossa cultura.

■ Aliás, você acha que existe hoje certo desconforto em tocar no tema anali-

sando de forma contrária a política de cotas?

□ Acho que isso existia antes. Agora, não. Um manifesto de 114 intelectuais e artistas, todos talentosíssimos, todos gabaritados, assinaram um manifesto corajoso contra a tentativa de racializar a sociedade brasileira.

■ O livro aponta saídas ou sugestões que possam anular a política de cotas do Governo Lula? Porque ela seria "irracional"?

□ O livro mostra o óbvio: a única saída é investir em educação pública de qualidade. No Brasil, investe-se muito pouco em educação. No passado, alguém decidiu impor como piso de investimento em educação nos estados 25% dos gastos, mas esse piso rapidamente se converteu em teto. Os governadores dormem tranqüilos achando que investem o suficiente e o resultado é que das 167

deles serão piores dos que os dos brancos. Mas há 34% de brancos pobres, 19 milhões de pessoas que não podem ser esquecidas. Imagine a situação: um branco pobre mora na favela, sofre todas as agruras do lugar, não tem acesso a nenhum dos serviços públicos básicos. Ao lado dele, mora um negro



Ali Kamel

ti-racista visceral. E, graças a Deus, nunca ninguém me atacou assim.

■ Você fala que o projeto, se aprovado, faria uma 'transformação da nossa nação em uma nação bicolor'. Comente mais sobre isso...

□ Sempre fomos uma nação miscigenada. Sempre nos orgulhamos disso. Somos a maior nação mestiça do mundo, esse é o nosso ativo. Temos orgulho do nosso gradiente de cor: mamelucos, cafuzos, pardos, marrom-bombom, escurinho, moreno. Agora, querem acabar com isso e dizer que todo mundo que não é branco é negro. Isso é usar a mesma lógica do racismo. Não podemos jamais permitir isso. Raças não existem.

■ O título do livro "Não somos racistas" é justamente para evitar comentários "preconceituosos" sobre as idéias que estão nos ensaios?

□ Não, o título do livro ressalta a minha crença. Não somos uma nação estruturalmente racista. Aqui, nada impede ninguém de cor alguma de progredir na vida. As leis punem os racistas. As escolas, os empregos públicos, tudo está aberto a pessoas de todas as cores. 42% da população se declaram pardos, e pardo é aquele cuja história, em algum ponto, esbarrou no casamento entre brancos e negros. Esse alto grau de miscigenação é uma prova *per se* de que não somos racistas. Nos EUA, na Europa, a miscigenação é mínima. No livro, porém, não nego que haja racistas, talvez até em profusão, no Brasil, porque em todas as sociedades há tudo, todos os sentimentos, os mais abjetos. Mas o racismo não é um traço dominante da nossa cultura.

que vive tudo igual. Se as cotas raciais passarem, o negro terá um privilégio que o branco não terá. Isso é explosivo. Na verdade, a desigualdade é sempre decorrência da pobreza e da falta de educação. Sempre dizem que os brancos ganham o dobro dos negros (incluindo os pardos). Mas nunca dizem que os brancos estudaram o dobro também. Também nunca dizem que os amarelos ganham o dobro dos brancos, porque estudaram também o dobro. Dizer que os amarelos oprimem os brancos seria ridículo. É isso o que mostro no livro.

■ Existem vários grupos de defesa dos direitos dos negros que podem fazer duras críticas à sua opinião. Como você encara isso?

□ Encaro de forma natural. É assim mesmo. Só não aceito críticas que me chamem de racista, porque sou um an-

mil escolas de ensino fundamental apenas 23% têm biblioteca, um equipamento básico. Apenas 5% têm laboratório de ciências. Isso é um absurdo. Como querer que os pobres possam deixar de ser pobres com uma educação assim? O que mostro no livro é que as estatísticas de fato mostram uma abissal desigualdade entre negros (incluindo os pardos) e os brancos, mas nada nas estatísticas permite dizer que a desigualdade é decorrência do racismo. Nada, metodologicamente falando. Na verdade, elas mostram o óbvio: os negros sofrem mais porque são pobres. É como dizer que a desigualdade entre pobres e ricos é decorrência da renda, uma obviedade. Mas é isso o que acontece. 66% dos pobres brasileiros são negros (incluindo os pardos). Se é assim, é claro que os indicadores sócio-econômicos

LANÇAMENTOS

**ROMANCE**  
**O Processo**

FRANZ KAFKA  
Editora: L&PM; Tradução: Marcelo Backes; Quanto: R\$ 13 (302 págs.)  
■ **SOBRE O AUTOR:** Kafka (1883-1924) nasceu em Praga e cresceu sob as influências de três culturas: a judaica, a tcheca e a alemã. Fez parte da Escola de Praga, marcada pela inclinação ao realismo e à metafísica. É autor de "Metamorfose" e "O Castelo", entre outros livros.  
■ **TEMA:** Josef K., funcionário respeitado de um banco, tem sua vida transformada no dia do trigésimo aniversário. Acusado e detido, passa a ser suspeito aos olhos de todos e inicia longa peregrinação burocrática na tentativa de descobrir por que o acusam.  
■ **POR QUE LER:** Em edição de bolso, nova tradução de uma das grandes obras de Kafka, publicada um ano após sua morte.

**HUMOR**  
**A Verdadeira História do Paraíso**

MILLÔR FERNANDES  
Editora: Desiderata; Quanto: R\$ 46 (96 págs.)  
■ **SOBRE O AUTOR:** Carioca nascido em 1924, é tradutor, dramaturgo e humorista e já trabalhou em publicações como "A Cigarra", "O Cruzeiro", "Tribuna da Imprensa", "Correio da Manhã" e "Veja", onde escreve até hoje.  
■ **TEMA:** Ilustrações, frases soltas e "conceitos ocasionais" compõem uma sátira ao mito do Gênesis até a expulsão de Adão e Eva do Paraíso. O material original foi publicado em encartes na extinta revista "O Cruzeiro".  
■ **POR QUE LER:** A fábula bem-humorada do pecado original escandalizou a moral brasileira quando foi lançada, em 1963, e motivou a demissão de Millôr de "O Cruzeiro", revista para a qual colaborava havia 25 anos.

**ROMANCE**  
**A Cidade Invisível**

EMILI ROSALES  
Editora: Nova Fronteira; Tradução: Janaina Senna e Marcos Senna; Quanto: R\$ 48 (352 págs.)  
■ **SOBRE O AUTOR:** Professor e tradutor, Rosales é autor dos romances "La Casa de la Platja", "Els Amos del Món" e "Mentre Barcelona Dorm" e colabora com os jornais "Avui" e "La Vanguardia".  
■ **TEMA:** Um romance histórico ambientado na Espanha atual e na Catalunha do século 18. Um galerista de arte recebe um documento chamado "Memorial da Cidade Invisível", que relata a descoberta de um quadro perdido do italiano Giambattista Tiepolo. O mesmo documento o leva aos antigos planos do rei Carlos 3º (1716-1788) de erguer uma metrópole à semelhança de São Petersburgo e Veneza.  
■ **POR QUE LER:** O livro se inspira na fórmula bem-sucedida de "O Nome da Rosa", de Umberto Eco, e recebeu o prêmio catalão Sant Jordi.

**SEXO**  
**A História Íntima do Orgasmo**

JONATHAN MARGOLIS  
Editora: Ediouro; Tradução: Myriam Campello; Quanto: R\$ 49,90 (368 págs.)  
■ **SOBRE O AUTOR:** Jornalista britânico, colaborador de jornais como "The Guardian" e "Financial Times". Escreveu também "A Brief History of Tomorrow".  
■ **TEMA:** O autor faz um relato da busca do orgasmo, lançando mão de estudos e fatos da biologia, da antropologia, da psicologia e da sociologia.  
■ **POR QUE LER:** Margolis tece uma narrativa muito bem construída sobre o sexo e o desejo, citando estudiosos mais recentes, como Freud, Kinsey e Hite, além de relatos mais antigos, como o "Kama Sutra" e de épocas menos exploradas e divulgadas, como a Idade Média e a época vitoriana.

ESTOU LENDO

**Jorane Castro, Cineasta**



"Estou lendo 'O segredo de Joe Gould', um mendigo do Greenwich Village, lugar boêmio de Nova York. Joe morreu nos anos 1950 e se dizia escritor da História oral, mas a História da humanidade nas pequenas coisas do cotidiano. O que o autor questiona é o lead tradicional do jornalismo. Ele constrói o texto se fosse de ficção, e é super bem escrito. Direto, objetivo, mas elegante e justo. É tão bem construído que se sente quem é Joe Gould, um louco desvairado, mas que tinha uma história interessante - como a do jornalista, que conseguiu também uma boa história."

**VELÓRIO**  
PRA MORRER DE RIR!

SUCESSO EM TODO O BRASIL!  
Dias 22 e 23/09/06 (sexta e sábado) às 21h  
24/09/06 (domingo) às 20h  
Local: Teatro Margarida Schivasappa (Centur)

Ingressos antecipado: na bilheteria do teatro Informações: 3224-8948 / 3202-4316

**Saturday Double fest**

SOLAR ♦ ANTIQUE

Making Off ★ Será o Benedito ★ DJ Bulldog

Venha celebrar a vida, a música... **TODOS OS SÁBADOS**

INF: 3229 0252